

“O NOME É O SER”
AS NOTAS PREPARATÓRIAS DE ÉMILE BENVENISTE AO ARTIGO “A
BLASFÊMIA E A EUFEMIA”¹

ÉMILE BENVENISTE’S PREPARATORY NOTES FOR THE ARTICLE “LA
BLASPHEMIE ET L’EUPHEMIE”



Autora do artigo original:

Aya ONO²

Professora associada da Universidade de Keio (Tóquio - Japão)
ono_bun@hc.st.keio.ac.jp

Traduzido por:

Silvana SILVA³

Doutora em Estudos do Texto e do Discurso (UFRGS)
Professora Adjunta Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)
ssilvana2011@gmail.com

83

Resumo: A presente tradução tem por objetivo divulgar o trabalho da linguista Aya Ono⁴ sobre as notas preparatórias ao artigo “A blasfêmia e a eufemia” de Émile Benveniste. A obra de Émile Benveniste vem sendo revisitada e reinterpretada pelos estudiosos brasileiros da área de Estudos Enunciativos a partir de recentes estudos dos manuscritos de Benveniste na França. Em “O nome é o ser: As notas preparatórias ao artigo A blasfêmia e a eufemia” de Ono há uma discussão da elaboração do pensamento de Émile Benveniste sobre as interdições da linguagem e das línguas em suas relações com a sociedade e com a cultura. “As notas” permitem entrever ainda os fundamentos de uma reflexão teórica sobre o próprio conceito de “enunciação”.

Palavras-chave: estudos enunciativos. manuscritos de Émile Benveniste. interdições de linguagem

Abstract: The present translation aims to promote the work of Aya Ono about the preparatory notes for the article “La blasphémie et l’euphémie”, by Émile Benveniste. Benveniste’s work has been revisited and reinterpreted by Brazilian specialists of the Enunciative Studies field from the recent studies about Benveniste’s manuscripts, in France. In “O nome é o ser: As notas preparatórias ao artigo A blasfêmia e a eufemia”, translated by Ono, there is a discussion on Émile Benveniste’s thought elaboration about (the) language interdictions regarding its social and cultural relations. The “notes” allow us to glimpse the fundamentals of a theoretical reflection about the concept of “enunciation” itself.

Key-words: Enunciative studies. Émile Benveniste’s manuscripts. language interdictions.

“**A** blasfêmia e a eufemia” de Émile Benveniste é um artigo curto: mal ocupa quatro páginas no segundo volume dos *Problemas de Linguística Geral*⁵. Benveniste inicialmente redige esse texto como uma comunicação a ser proferida em Roma em janeiro de 1969⁶ no colóquio “A análise da linguagem teológica: o nome de Deus”. Devido a circunstâncias que o estavam impedindo de comparecer, Benveniste

SILVA. “O nome é o ser” As notas preparatórias de Émile Benveniste ao artigo “A blasfêmia e a eufemia” *Belas Infâncias*, v. 4, n. 3, p. 83-104, 2015.

enviou o seu texto a Enrico Castelli, organizador do encontro, que fez com que o artigo fosse publicado nas Atas de 1969⁷. Em 1974, por ocasião da publicação do volume II dos PLG, esse artigo foi nele inserido sem nenhuma modificação. “A blasfemia e a eufemia” é, de fato, o mais breve dos artigos recolhidos nos dois volumes do PLG, apresentando-se intencionalmente em uma perspectiva precisa e delimitada. Entretanto, as ideias que ele expõe se situam no cruzamento de várias problemáticas importantes e podem fornecer um material rico a nossa reflexão sobre certos conceitos-chave da linguística benvenistiana.

Todo pesquisador interessado por “A blasfemia e a eufemia”, texto considerável por seu estilo claro e lacônico, deve conhecer a existência de uma série importante de notas que Benveniste redigiu ao preparar a redação de seu artigo. A maior parte dessas notas estão hoje conservadas na Biblioteca Nacional da França⁸. São notas de leitura, reflexões sumariamente traçadas, referências e réplicas, correspondências com o mundo erudito⁹, etc. As folhas, de diferentes formatos, escritas a mão ou datilografadas, são em número de 113 no total e contidas em um envelope do Fundo Émile Benveniste localizado na BnF¹⁰. Essas folhas são simplesmente numeradas, sem que possamos perceber o mínimo princípio de classificação. Entretanto, o fato significativo é que essas notas, diferentemente de muitas outras notas de trabalho de Benveniste conservadas na BnF, não conhecem um estado de dispersão desolador: elas permanecem reunidas, constituindo, de alguma forma, um dossiê, como se o autor pudesse voltar a elas algum dia e as desenvolver.

A riqueza dessas notas é surpreendente. Elas mostram que, no pensamento de Benveniste, a blasfemia e a eufemia não devam ser somente estudadas em uma abordagem linguística; seu estudo requer uma séria investigação em várias outras disciplinas: religiões, literatura, psicanálise. As notas de réplica, onde podemos ler os nomes de autores pertencendo a esses domínios, testemunham claramente esse fato.

Uma outra coisa a ser comentada imediatamente: o artigo “A blasfemia e a eufemia” é contemporâneo de um outro artigo importante “O aparelho formal da enunciação” (1970), texto chave para compreender a noção de enunciação de Benveniste. Desde as primeiras linhas de “A blasfemia e a eufemia”, uma afinidade se deixa perceber entre os dois artigos: eles tratam na realidade de um mesmo assunto, a do ato de dizer. Se a versão publicada de “A blasfemia e a eufemia” não contém nenhum lugar para a palavra “enunciação”, não é o caso para as notas preparatórias: ela aparece aí de uma maneira explícita e constitui um instrumento conceitual importante. Nessas notas, a blasfemia é considerada como “um modo de enunciação” (f^o 272 e f 328), a “blasfemia” é claramente um ato performativo. Assim, a

SILVA. “O nome é o ser” As notas preparatórias de Émile Benveniste ao artigo “A blasfêmia e a eufemia” *Belas Infâmias*, v. 4, n. 3, p. 83-104, 2015.

leituras dessas notas preparatórias poderia, sem dúvida, nos revelar novos aspectos da *enunciação* tanto em seu conteúdo conceitual como no processo de sua elaboração.

Tivemos oportunidade de estudar, a partir de textos publicados de Benveniste, como a noção de enunciação é progressivamente formada no mundo conceitual do linguista¹¹. Pudemos observar que, no curso da sua formação lenta e complexa, essa noção é confrontada a uma série de outros conceitos, tais como “juramento”, “performativo”, “hain-teny” ou ainda “comunhão fática”. Se esses conceitos são considerados por Benveniste como designando atos de fala *particulares*, eles se encontram entretanto incorporados no andamento da noção de enunciação, consolidando e alargando a compreensão conceitual de *enunciação* benvenistiana. Podemos dizer a mesma coisa a propósito da blasfemia e da eufemia? Em todo caso, nas notas preparatórias para o artigo de 1969, as duas noções, “atividades simétricas” segundo Benveniste, são frequentemente postas em conexão com a problemática da enunciação e formam com ela uma espécie de continuum conceitual.

Em Benveniste, a noção de enunciação se forma a partir de uma reflexão longa e rigorosa. Certas ideias geniais da natureza frequentemente espontânea ou mesmo passional não foram retidas nas versões finais de artigos e não são lidas senão através de notas preparatórias. Para melhor compreender a noção de enunciação no processo de sua gestação, no sistema de sua “incorporação”, nós propomos, nas páginas seguintes, fazer idas-e-retornos entre as notas preparatórias e a versão final de “A blasfemia e a eufemia”. Nossa leitura se desenvolverá em duas etapas. Apresentaremos, inicialmente, certas reflexões de Benveniste, importantes a nosso ver, sobre a blasfemia, com as transcrições de notas correspondentes. Nosso olhar será sobretudo fixado sobre as notas sobre os questionamentos epistemológicos, sobre as características “explosivas” da blasfemia e sobre sua relação com o juramento. A segunda parte de nossa leitura consistirá em analisar uma única nota, o folio 282, que trata, em uma passagem bem importante, da ideia de enunciação de forma imaginada, quase visual.

Entre as notas preparatórias de “A blasfemia e a eufemia”, o folio 258 merece particularmente a nossa atenção. Ele parece ter sido escrito no início da concepção do artigo e nos indica em qual quadro epistemológico o problema da blasfemia foi pensado por Benveniste. Toda essa nota serve para levantar uma questão: o estudo da blasfemia releva do domínio linguístico propriamente dito? Essa questão, que não aparece na versão publicada do artigo, encarna alguma coisa de típico em Benveniste, uma audácia reflexiva por assim dizer, pois o linguista não hesita, diante de um objeto particular, a denunciar os confins reconhecidos de seu próprio domínio de pesquisas. A nota diz com efeito:

SILVA. “O nome é o ser” As notas preparatórias de Émile Benveniste ao artigo “A blasfêmia e a eufemia” *Belas Infâmias*, v. 4, n. 3, p. 83-104, 2015.

A blasfemia e a eufemia

Os fatos dos quais nos ocupamos <tratamos> aqui pertencem e <ou> não pertencem ao domínio da língua, e portanto podem ou não prender a atenção do linguista segundo a ideia que aqui se faz de seu domínio, pois ele não conhece ainda os limites. Em uma certa linguística, sobretudo aquela que se proclama “moderna”, a língua em si é o objeto da linguística, e então os dados indicados pelo título permanecem para ele estranhos. Mas para o linguista que não separa <retira> o universo de uma linguística <o uso feito da língua> o fenômeno da linguagem, <a maneira pela qual> o homem <em tanto que ele é> <é> animado e expresso por sua linguagem, é—também representado aporte de inumeráveis objetos de reflexão e particularmente nas condições excepcionais que a paixão suscita. (fº 258, fig. 1)

Quanto a saber se a blasfemia constitui ou não um objeto de pesquisa linguística, a resposta de Benveniste é, de fato, clara. Essa resposta, positiva e categórica, é baseada sobre um princípio geral: a linguística não deve negligenciar o “homem na língua”. Benveniste não era então partidário dessa linguística empobrecida do seu “modernismo” limitado. Ele queria alargar a entrada da linguística e se servia dela para compreender as ligações complexas entre a linguagem e o homem. Relembremos que, à mesma época, Benveniste já tinha introduzido sua nova abordagem, aquela do ‘discurso’, nas pesquisas linguísticas. A nota do folio 258 reafirma sua tomada de posição de encontro à linguística restrita de seu tempo.

86

Nessa passagem, a expressão “a maneira pela qual o homem é animado e expresso por sua linguagem” é notável. Segundo Benveniste, nenhum ser humano utiliza a linguagem como um simples instrumento de comunicação. A linguagem é de natureza muito mais dinâmica: em se deixando falar, ela “anima” e “exprime” o sujeito falante. Essa ideia é claramente formulada por Benveniste em “Da subjetividade na linguagem” (1958). Mostramos, além disso em nosso livro, que ela participa da construção da noção de enunciação¹². O locutor, ao mesmo tempo que se apropria da linguagem por meio de índices sui-referenciais, encontra-se ao mesmo tempo incitado por eles a se exprimir. Quanto ao homem blasfemante, ele é possuído por uma emoção violenta, uma “paixão”, para falar como Benveniste, profundamente enraizado na língua. Dessa forma, não há razão para que esse homem se expressando em “Nome de Deus!” não encontre lugar no seio da ciência linguística.

Podemos ler no artigo “A blasfemia e a eufemia”: “encontramos aqui o domínio da expressão emocional, tão pouco explorada ainda, que tem suas regras, sua sintaxe, sua elocução” (p. 256). Efetivamente, Benveniste, por seu estudo da “blasfemia”, não queria compreender nada mais do que uma “sintaxe da emotividade” (fº 305) e essa pesquisa, em seu tempo, constituía uma novidade no domínio linguístico¹³. Explorando essa linguística da emoção, Benveniste reencontrou o fenômeno da “anti-gramática”, que contesta as leis fundamentais da língua e

SILVA. “O nome é o ser” As notas preparatórias de Émile Benveniste ao artigo “A blasfêmia e a eufemia” *Belas Infâmias*, v. 4, n. 3, p. 83-104, 2015.

cujo objetivo evocado vai de encontro à linguística normativa. Em uma nota que estuda o discurso carnavalesco conforme Bakhtin, Benveniste pensa em Artaud e o cita frequentemente:

Parece interessante observar como se organiza o espaço discursivo – o “contexto” - que dá lugar ao blasfemo. O discurso carnavalesco da Idade Média (os “jogos”, as “farsas”, os “ditos”) é detentor de testemunho. Contestação de Deus e do discurso cristão, o carnaval como sistema semiótico (colocação em cena, decentramento do sujeito mascarado e injurioso, simbolismo de máscaras e de decoro, e sobretudo de linguagem) contesta ao mesmo tempo as leis da língua e da significação. Mesma relação anti-Deus = anti-sujeito=anti-gramática em Artaud¹⁴ (pº 256, parte I)

Para Benveniste, a leitura de frases inflamadas de Artaud poderia ser uma experiência arrasadora. Entretanto, o linguista teve a audácia de afrontar esses propósitos subversivos contra as leis da língua, da subjetividade e da significação, tentando mesmo incorporá-los na sua própria linguística. Mas a escolha da blasfemia como objeto de estudo não representa, de saída, um empreendimento perigoso para todo gramático cuja tarefa designada consiste em estabelecer um “bom uso” da língua, pois a blasfemia, como queremos concebê-la, é uma “explosão” languageira que escapa do controle do sujeito falante?

Benveniste, nas suas reflexões sobre a blasfemia, utiliza frequentemente a palavra “de repente” ou “repentina” para caracterizar a brusca emoção que anima o homem blasfemante:

Há a violência da impulsão afetiva: furor, cólera, impaciência, e a repentinidade do paroxismo, que busca uma saída e não pode a encontrar, na falta de uma agressão física (a qual pode entretanto se realizar simultaneamente) do que de uma explosão verbal (pº 272, parte I)

Sem dúvida, é precisamente sobre a base dessa “repentinidade” que se encontram estreitamente associadas, no pensamento de Benveniste, as duas noções de blasfemia e de enunciação. De fato, uma nota preparatória para “O aparelho formal da enunciação” sublinha assim a repentinidade no ato de enunciar, que é compreendido como uma emergência languageira.

Em realidade, é uma mudança - não, não uma mudança na matéria mesma da língua. Uma mudança <mais sutil, mais profunda> do fato de que ela é posta em movimento, que alguém se apodera dela, a coloca em ação, que esse aparelho que jazia, potencial mas inerte, consistindo em signos de um lado (signos lexicais e outros), em modelos flexionais e sintáticos do outro, <se anima, de repente, torna-se subitamente atual> toma de repente existência de língua se forma em discurso restituindo ao redor de si um mundo vivo. Alguma coisa nasce ao mundo então. Um homem se exprime (lat. *exprimere* “fazer sair apressando, fazer lançar ao exterior”), ele faz lançar a língua à enunciação. (pº 486¹⁵).

Longe de nós a ideia de estabelecer, a partir da recorrência da palavra “repentino”, uma analogia simplista entre essas duas notas e tirar daí conclusões redutoras. A nota do folio 272 revela uma emoção linguageira explodindo sob uma forma particular, a da blasfemia, enquanto que a nota do folio 486 aborda o mistério da existência mesma que, “sutil” e “profunda”, advém à linguagem através do ato de enunciar. Entretanto, é forçoso constatar, nas duas notas a passagem à fala é pensada como um lançamento brutal. Do dizer jorra a linguagem e essa potência humana ultrapassa o indivíduo.

A nota do folio 486 (preparatória ao artigo “O aparelho formal da enunciação”), como pudemos ver, cita a etimologia latina da palavra *expressão*: “fazer sair apressando, fazer lançar ao exterior”. Aqui o lugar é marcado com uma outra expressão de Benveniste, “explosão”, que é também frequentemente empregada nas notas de trabalho. Com efeito, o linguista pensa constantemente a blasfemia em termos de “explosão” ou de “paroxismo” verbal. Nas notas sobre blasfemia, “expressão” ou “explosão” são, além disso, utilizadas como sinônimas e podem mesmo se substituir uma a outra sem risco de confusão.

88

As exclamações, blasfêmias, etc. são a linguagem como “expressão”, como lançamento, como erupção, sob a pressão da impaciência, do furor, da surpresa incontida, <da decepção selvagem>, da consternação súbita realizada. Nós temos aqui menos uma produção do que uma explosão. É o primeiro caráter. O segundo é a revelação que essa explosão seja nutrida de um fogo muito profundo, que queima nos recessos mais escondidos do subconsciente (fº 348)

Entre essas linhas que explicam o mecanismo da blasfêmia e a nota do folio 486, correspondente ao artigo “O aparelho formal da enunciação”, insistindo sobre a “expressividade” da enunciação, existe em afinidade evidente. A nota do folio 348 do nosso dossiê vai, além disso, até chegar a utilizar a imagem do vulcão para descrever a blasfêmia como “explosão” sublinhando que é seu “primeiro caráter”. Ou, na versão publicada da “A blasfêmia e a eufemia”, essa característica primordial não é mais posta no primeiro plano: não se lê nem a palavra “explosão” nem outros termos semelhantes. Somente certas expressões isoladas, como “jaculação” ou “descarga emotiva” que são certamente singulares mas que não se separam mais radicalmente do jargão erudito, guardando ainda alguns traços das primeiras explorações do linguista.

Um outro ponto a observar nas notas preparatórias de “A blasfêmia e a eufemia” é o estreito parentesco atribuído pelo autor à blasfêmia e ao juramento. Benveniste observa, inicialmente, que a blasfêmia e o juramento são ambos performativos: a blasfêmia, “é um comportamento, uma linguagem-ato, da mesma ordem que o juramento”. (fº 349). Mas esses dois atos

performativos, que utilizam tanto um como outro a expressão “nome de Deus”, parecem, à primeira vista, mostrar, da parte do locutor, duas atitudes enunciativas opostas. Em uma nota preparatória (fº 261), Benveniste se interroga sobre a relação complexa do juramento e da blasfemia nessas palavras: “Ou o juramento é uma fala-ato, pois o ato <de engajamento> consiste em pronunciar a fórmula. Decorre que a blasfemia, presa à letra, engaja também, mas como?” Para melhor compreender o encaminhamento da reflexão benvenistiana sobre esse problema, citamos aqui duas outras notas, que parecem ter sido escritas no mesmo maço do folio 261.

Blasfemia ... em nome de

É necessário estudar de perto a noção de invocação, da qual o Dic. Ger. diz que ela é o fato de “pedir ajuda por uma reza”, “invocar o nome de Deus” fazendo ato de religião. É bem isso: pronunciar a palavra “Deus” como “nome”, isto é, como designação individual de um ser, é crer nesse ser, é fazer ato de religião.

Desde que a expressão “em nome de...” é segundo o Dic. Ger. (s.v.¹⁶. nom.) “invocar o nome que pode dar mais força a uma reza, a um voto” <ex. em nome de Deus, não roube!> ex. jurar pelo nome de Deus. Ellip¹⁷. Triv¹⁸ nome de Deus! juron e por eufemismo, nome de um cão! nome de um trovão! etc. Daí, todo juron é a derrisão de um ato de crença consistindo na invocação de um nome divino. Além disso (fº 313), o nome divino sendo encarregado de força mágica, anula-se essa força maléfica ao deslocá-la sobre um objeto tal que uma parte do corpo, o corpo sendo o contra-espírito, e de preferência sobre as partes <orgãos> corporais encarregados de funções mais baixas.” (fº 314)

89

É necessário observar a origem religiosa comum que Benveniste encontra para os dois atos de fala, juramento e blasfêmia. Assim, contrariamente ao que cremos em geral, a blasfemia é uma expressão de crença; mais exatamente, ela é a “derrisão de um ato de crença”. Os dois atos devem ser compreendidos como duas faces de uma única e mesma manifestação de crença, que é profundamente enraizada na cultura judaico-cristã. O autor conclui assim “A blasfemia e a eufemia”:

Na blasfemia também o nome de Deus deve aparecer, pois a blasfemia, tal como o sacramento, toma Deus por testemunho. A imprecação é certamente um juramento, mas um juramento de ultraje” (PLG 2)¹⁹

Ao citar repetidamente a Bíblia, certas notas de Benveniste insistem sobre a necessidade para o analista de a blasfemia penetrar nos fatos religiosos:

Aqueles que como Freud lançaram luz <os recursos do interdito e> o movimento que leva a transgredir o interdito não tem < os analistas do fato não > precisamente visto que a blasfemia é precisamente a manifestação. O aspecto linguístico dessa transgressão do interdito em que certos analistas viam o efei a raiz do fato religioso (fº 286)

Na versão final de “A blasfemia e a eufemia”, o autor suprime todas as remissões aos autores antigos e modernos que aparecem nas notas preparatórias. Somente as referências à Bíblia, a Freud e ao dicionário usual são preservados. Uma escolha assim limitada visa evidentemente sublinhar o aporte fundamental do estudo bíblico e das pesquisas psicanalíticas para a compreensão da blasfemia.

A nota do folio 282 ocupa um lugar particular nas notas preparatórias para “A blasfemia e a eufemia”. Seus elementos não são incorporados na versão definitiva do artigo. Eles não se encontram nem mais desenvolvidos em outras notas de Benveniste, se não temos em conta um furtivo eco perceptível no folio 313 já citado. De forma imaginada, o folio 282 fala do ‘traço’ e do ‘ser’ da linguagem:

O nome de Deus não deve passar pela boca, pois o ato de pronunciar imprime um traço no mundo, e o nome é o ser. O nome de Deus é o ser de Deus. É a letra de seu nome que faz sua existência. (fº 282).

90

A frase “O nome de Deus não deve passar pela boca, pois o ato de pronunciar imprime um traço no mundo”, é, aqui, central. É claramente uma questão de enunciação oral. A blasfemia sendo compreendida como “de início ao fim um processo de fala” (PLG II, p. 255), Benveniste não leva em consideração as formas de blasfemia escritas. Ou, certas expressões empregadas nessa frase, como “imprimir” ou “traçar”, nos conduzem apesar de tudo à imagem de uma escritura. Com efeito, essas expressões descrevem a enunciação como uma forma visual, sublinhando implicitamente a dimensão corporal do ato de dizer²⁰: para imprimir “seu traço no mundo”, a enunciação deve possuir alguma coisa de corporal, uma força real e bem tangível. “Imprimir”, verbo derivado do latim *imprimere* (*apertar fortemente sobre, apoiar, empreender*, mas também *fazer penetrar apoiando, gravar, figurar*), sugere um agente dotado de força e de vontade. Tudo se passa como se o ato de enunciar, projetado por uma luz e dotado de uma pressão, deixaria sua sombra, fugidia mas poderosa, sobre o muro branco do não-dizer. Esta bela “visão” da enunciação não foi retomada na sequência por Benveniste. Ela permanece isolada, surpreendente e, em um sentido, impenetrável. A bem dizer, nós não sabemos como interpretar esse “traço” deixado pela enunciação no mundo. Trata-se de um som, de um sentido, de uma emoção ou ainda de uma forma de memória? Ou uma mistura de tudo isso, que conduz necessariamente a uma “mudança”? A única coisa certa é que, no pensamento de Benveniste, a enunciação, ela mesma, após ter tão fortemente deixado seu “traço”, se apaga.

“O ato de pronunciar imprime um traço no mundo”... nessa proposição transparece também a ideia da força do dizer. Uma vez pronunciada, a fala é feita: não podemos voltar atrás, um traço é impresso e restará indelével. Evidentemente, é certo que Benveniste, ao escrever essas palavras, pensa na blasfemia típica, “Nome de Deus!”. Essa expressão, desde que ela é formulada, torna-se um ato irrevogável que não deixa de provocar a cólera de Deus. Entretanto, a ideia dessa irrevogabilidade não pode ser estendida ao ato em geral? Não há alguma coisa de decisivo e de fatal em cada fala pronunciada, e um processo verbal em todo processo de dizer?

“O nome é o ser”, Benveniste persegue. A mesma ideia se encontra em várias culturas orientais e ocidentais. Uma dessas manifestações é a interdição dos nomes dos mortos, tabu linguístico observável em várias culturas: a evocação de um nome de um morto é interdita pois com arrisca-se a trazer a morte ao mundo dos vivos. Esse tabu, capital para as culturas primitivas, interessava Benveniste que, nas suas notas preparatórias, se referia aos trabalhos de Evans Pritchard, de Freud e de Wilhelm Havers, para se ter uma noção. A expressão blasfêmica “nome de Deus” constitui assim o objeto de uma interdição muito antiga. As duas interdições são, além disso, governadas pelo mesmo princípio: o da identificação da fala e do ser.

Em nosso livro sobre a noção de identificação benvenistiana, era difícil para nós associar os dois empregos da palavra *enunciação* e de estudá-los conjuntamente. De um lado, Benveniste utiliza a enunciação como um instrumento conceitual e lhe dá um lugar paulatinamente importante na sua teoria do discurso. De outro, nas suas pesquisas de gramática comparada, o linguista emprega a enunciação como um instrumento descritivo particular, designando o ato de proferir solenemente uma fala, sob a forma de reza ou de hino²¹. Agora, em vista da leitura das notas preparatórias de “A blasfemia e a eufemia”, uma ligação pode ser estabelecida entre os dois empregos da palavra *enunciação*, justamente graças a essa famosa sentença “o nome é o ser”. É inútil dizer que o que concerne antes de tudo o “ser-nome” de Deus: uma enunciação tanto como ato de crença como nós podemos ver com o folio 313. Entretanto, Benveniste, formulando “o ato de pronunciar imprime um traço no mundo, e o nome é o ser”, foi pensado exclusivamente em “nome de Deus”? Parece-nos talvez audacioso mas legítimo supor que essa frase tenha um suporte mais largo, que ela tenta englobar todos os tipos de enunciação. No pensamento do linguista, a enunciação compreendida como um evento não consistiria em dizer “sim” a um ser ao pronunciar seu nome? Todo ato de dizer tem uma força mágica,

garantindo, atualizando a existência de seres no mundo. Certamente não será a linguística benvenistiana que desmentirá essa convicção antiga²².

No folio 282, a frase “o nome é o ser” é seguida por duas outras frases: “O nome de Deus é o ser de Deus. É a letra de seu nome que faz sua existência.” Aqui, explicitamente, o ser de Deus se identifica com o “ser” verbal, e a existência de Deus é garantida por seu nome e por sua proferição. A referência aos pensamentos judeus é evidente: trata-se do nome de Deus do Velho Testamento, YHWH. Bom conhecedor do hebreu e dos pensamentos judeus, Benveniste estava certamente a par das glosas, numerosas, que a tradição cabalística dá a essas quatro letras. Está fora de nossa competência interpretar aqui uma discussão teológico-linguística fundada sobre a história de pensamentos judeus²³ em torno do “Nome de Deus”. Nós não podemos mais confrontar estes com a Teoria da Enunciação de Benveniste: a simples leitura dessas notas preparatórias não nos fornece um material suficiente. Assinalemos simplesmente um fato: no lugar em que os pensadores judeus tradicionais diziam “O nome é a alma”²⁴, Benveniste escreve “O nome é o ser”.

92

Uma última observação a propósito do folio 282: na escritura dessa nota não aparece nenhum signo de hesitação. Parece ter sido traçada de um único jato. A ideia consignada nessa nota devia constituir uma evidência para Benveniste tanto e tão bem que ele não sentiu necessidade de fazer esclarecimentos e modificações. Sobriamente, de maneira decidida e confiante, o autor esboçou a sua visão da quintessência da linguagem.

Em nossas pesquisas anteriores, examinamos não somente os textos dos PLGs, mas também os trabalhos de Benveniste considerados como pertencentes à gramática comparada. Ignorando até 2005²⁵ a existência de manuscritos de Benveniste conservados à BnF, tomamos a iniciativa de confrontar a noção do “juramento”, que aparece no *Vocabulário das Instituições Indo-Europeias*, com aquela de enunciação. Constatamos que toda enunciação é compreendida por Benveniste como ato de dizer, submetido à sociedade e à linguagem. É o que Benveniste parece sugerir nas notas preparatórias de “A blasfêmia e a eufemia”, onde o estudo particular do juramento o conduz a considerações muito mais gerais sobre o ato de dizer e onde ele se deixa ir e, como nós vimos, a uma explosão expressiva que não se encontra no artigo publicado.

SILVA. “O nome é o ser” As notas preparatórias de Émile Benveniste ao artigo “A blasfêmia e a eufemia” *Belas Infâmias*, v. 4, n. 3, p. 83-104, 2015.

“LE NOM C’EST L’ETRE”
 LES NOTES PREPARATOIRES D’ÉMILE BENVENISTE A L’ARTICLE “LA
 BLASPHEMIE ET L’EUPHEMIE”
 AYA ONO*

« La blasphémie et l’euphémie » d’Émile Benveniste est un article court : il occupe à peine quatre pages dans le second volume de *Problèmes de linguistique générale*²⁶. Benveniste a d’abord rédigé ce texte comme une communication à prononcer, à Rome en janvier 1969²⁷, au colloque « L’analyse du langage théologique : le nom de Dieu ». Des circonstances l’ayant finalement empêché de s’y rendre, Benveniste a envoyé son texte à Enrico Castelli, organisateur de la rencontre, qui l’a fait paraître dans les actes publiés en 1969²⁸. En 1974, à la publication du volume II des *PLG*, cet article y a été inséré sans aucune modification. « La blasphémie et l’euphémie » est d’ailleurs le plus bref des articles recueillis dans les deux volumes des *PLG*, se présentant volontairement dans une perspective précise et limitée. Cependant, les idées qu’il expose se situent au croisement de plusieurs problématiques intéressantes et peuvent fournir de riches matières à notre réflexion sur certains concepts clefs de la linguistique benvenistienne.

Tout chercheur intéressé par « La blasphémie et l’euphémie », texte remarquable par son style clair et laconique, doit connaître l’existence d’une série importante de notes que Benveniste a rédigées en préparant la rédaction de son article. La plupart de ces notes sont aujourd’hui conservées à la Bibliothèque nationale de France²⁹. Elles comprennent des notes de lectures, des réflexions sommairement tracées, des références et des renvois, des correspondances avec le monde érudit³⁰, etc. Les feuillets, de différents formats, écrits à la main ou dactylographiés, sont au nombre de cent treize au total et contenus dans une enveloppe du fonds Émile Benveniste à la BnF³¹. Ces feuillets sont simplement numérotés, sans que l’on n’y aperçoive le moindre principe de classement. Néanmoins, le fait significatif est que ces notes, à la différence de beaucoup d’autres notes de travail de Benveniste conservées à la BnF, ne connaissent pas un état de dispersion désolant : elles demeurent réunies, constituant, en quelque sorte, un dossier, comme si l’auteur comptait y revenir un jour et les développer.

La richesse de ces notes est surprenante. Tout montre que, dans la pensée de Benveniste, la blasphémie et l’euphémie ne doivent pas seulement être étudiées dans une approche linguistique ; leur étude requiert une recherche sérieuse dans plusieurs autres disciplines : religions, littérature, psychanalyse. Les notes de renvoi, où l’on peut lire les noms des auteurs appartenant à ces domaines, en témoignent clairement.

Une autre chose est à remarquer immédiatement : l’article « La blasphémie et l’euphémie » est à peu près contemporain d’un autre article important, « L’appareil formel de l’énonciation » (1970), texte clef pour comprendre la notion d’énonciation de Benveniste. Dès les premières lignes de « La blasphémie et l’euphémie », une affinité se laisse apercevoir entre les deux articles : ils traitent en réalité d’un même sujet, celui de l’acte de dire. Si la version publiée de « La blasphémie et l’euphémie » ne porte à aucun endroit le mot « énonciation », ce n’est pas le cas pour ses notes préparatoires : il y apparaît d’une manière explicite et constitue un outil conceptuel important. Dans ces notes, la blasphémie est

considérée comme « un mode d'énonciation » (f° 272 et f° 328), la « blasphémie » est clairement un acte performatif. Ainsi, la lecture de ces notes préparatoires pourra sans doute nous révéler de nouveaux aspects de l'énonciation dans son contenu conceptuel comme dans le processus de son élaboration.

Nous avons eu l'occasion d'étudier, à partir des textes publiés de Benveniste, comment la notion d'énonciation s'est progressivement formée dans le monde conceptuel du linguiste³². Nous avons pu observer qu'au cours de sa formation lente et complexe, cette notion est confrontée à une série d'autres concepts, tels que « serment », « performatif », « *hain-teny* » ou encore « communion phatique ». Si ces concepts sont considérés par Benveniste comme désignant autant d'actes de parole *particuliers*, ils se retrouvent néanmoins tous incorporés dans l'échafaudage de la notion d'énonciation, consolidant et élargissant l'étendue conceptuelle de l'énonciation benvenistienne. Peut-on dire la même chose à propos de la blasphémie et de l'euphémie ? En tout cas, dans les notes préparatoires pour l'article de 1969, les deux notions, « activités symétriques » selon Benveniste, sont souvent mises en connexion avec la problématique de l'énonciation et forment avec elle une sorte de continuum conceptuel.

Chez Émile Benveniste, la notion d'énonciation se forme à l'issue d'une réflexion longue et rigoureuse. Certaines idées géniales, de nature souvent spontanée ou même passionnée, n'ont pas été retenues dans les versions finales des articles et ne se lisent qu'à travers des notes préparatoires. Pour mieux comprendre la notion d'énonciation dans le processus de sa gestation, dans le système de son « incorporation », nous proposons, dans les pages suivantes, de faire des allers-retours entre les notes préparatoires et la version finale de « La blasphémie et l'euphémie ». Notre lecture se déroulera en deux étapes. Nous présenterons d'abord certaines réflexions de Benveniste, importantes à nos yeux, sur la blasphémie, avec les transcriptions des notes concernées. Notre regard sera surtout retenu par les notes sur les questionnements épistémologiques, sur les caractéristiques « explosives » de la blasphémie et sur son rapport avec le serment. La seconde partie de notre lecture consistera à analyser une seule note, le folio 282, qui traite, dans un passage important, de l'idée d'énonciation de façon imagée, presque visuelle.

*

Parmi les notes préparatoires de « La blasphémie et l'euphémie », le folio 258 mérite particulièrement notre attention. Il semble avoir été écrit au début de la conception de l'article et nous indique dans quel cadre épistémologique le problème de la blasphémie a été pensé par Benveniste. Toute la note sert à soulever une question : l'étude sur la blasphémie relève-t-elle du domaine linguistique proprement dit ? Cette question, qui n'apparaîtra point dans la version publiée de l'article, incarne quelque chose de typique chez Benveniste, une audace réfléchie pour ainsi dire, car le linguiste n'hésite pas, devant un objet d'étude particulier, à mettre en cause les confins reconnus de son propre domaine de recherches. La note dit en effet :

La blasphémie et l'euphémie

Les faits dont nous nous occupons <traitons> ici appartiennent et <ou> n'appartiennent pas au domaine de la langue, et donc peuvent ou non retenir l'attention du linguiste selon l'idée que celui-ci se fait de son domaine, puis- que'il n'en connaît pas encore les limites. Dans une certaine linguistique, surtout celle qui se proclame « moderne », la langue seule est l'objet de la linguistique, et alors les données indiquées par le titre de cet article lui resteront étrangères. Mais pour le linguiste qui ne sépare <retranche> pas de l'univers l'un linguistique <l'usage fait de la langue> le phénomène du langage, <la manière dont> l'homme <en tant qu'il est> <est> animé et

exprimé par son langage, est aussi représenté par d'innombrables sujets de réflexion et tout particulièrement dans les conditions exceptionnelles que la passion suscite (f° 258).

Quant à savoir si la blasphémie constitue ou non un objet de recherche linguistique, la réponse de Benveniste est donc claire. Cette réponse, positive et catégorique, est basée sur un principe général : la linguistique ne doit pas négliger l'« homme dans la langue ». Benveniste n'était donc pas partisan de cette linguistique appauvrie dans son « modernisme » borné. Il voulait élargir la portée de la linguistique et s'en servir pour comprendre les liaisons complexes entre le langage et l'homme. Rappelons qu'à la même époque, Benveniste avait déjà introduit sa nouvelle approche, celle du « discours », dans les recherches linguistiques. La note du folio 258 réaffirme sa prise de position à l'encontre de la linguistique restreinte de son temps.

Dans ce passage, l'expression « la manière dont l'homme est animé et exprimé par son langage » est remarquable. Selon Benveniste, aucun être humain n'utilise le langage comme un simple outil de communication. Le langage est de nature beaucoup plus dynamique : tout en se laissant parler, il « anime » et « exprime » le sujet parlant. Cette idée est clairement formulée par Benveniste dans « De la subjectivité dans le langage » (1958). Nous avons d'ailleurs montré dans notre livre qu'elle participe à la construction de la notion d'énonciation³³. Le locuteur, en même temps qu'il s'approprie le langage par le biais des indices sui-référentiels, se trouve en même temps incité par celui-ci à s'exprimer. Quant à l'homme blasphémant, il est lui aussi poussé par une émotion violente, une « passion » pour parler comme Benveniste, profondément enracinée dans la langue. De la sorte, il n'y a pas de raison pour que cet homme s'exprimant par « Nom de Dieu ! » ne trouve de place à l'intérieur de la science linguistique.

Nous pouvons lire dans l'article « La blasphémie et l'euphémie » : « [n]ous abordons ici le domaine de l'expression émotionnelle, si peu exploré encore, qui a ses règles, sa syntaxe, son élocution » (p. 256). Effectivement, Benveniste, par son étude de la « blasphémie », ne voulait comprendre rien de moins qu'une « syntaxe de l'émotivité » (f° 305) et cette recherche, en son temps, constituait une nouveauté dans le domaine linguistique³⁴. Explorant cette linguistique de l'émotion, Benveniste a rencontré le phénomène d'« anti-grammaire », qui conteste les lois fondamentales de la langue et dont l'objectif avoué va à l'encontre de la linguistique normative. Dans une note qui étudie le discours carnavalesque à la suite de Bakhtine, Benveniste pense à Artaud et le cite beaucoup :

Il est peut-être intéressant de remarquer comment s'organise l'espace discursif – le « contexte » – qui donne lieu au blasphème. Le discours carnavalesque du Moyen Âge (les « jeux », les « farces », les « dits ») en porte témoignage. Contestation de Dieu et du discours chrétien, le carnaval comme système sémiotique (mise en scène, décentrement du sujet masqué et injurieux, symbolisme des masques et du décor, et surtout le langage) conteste en même temps les lois de la langue et de la signification. Même rapport anti-Dieu = anti-sujet = anti-grammaire chez Artaud : [...] ³⁵ (f° 256, partie I)

Pour Benveniste, la lecture des phrases enflammées d'Artaud pouvait être une expérience bouleversante. Toutefois, le linguiste a pris l'audace d'affronter ces propos subversifs contre les lois de la langue, de la subjectivité et de la signification, essayant même de les incorporer dans sa propre linguistique. Mais le choix même de la blasphémie comme sujet d'étude ne représente-t-il pas, d'entrée de jeu, une entreprise périlleuse pour tout grammairien dont une tâche assignée consiste à établir un « bon usage » de la langue, puisque la blasphémie, comme nous allons le voir, est une « explosion » langagière qui échappe au contrôle du sujet parlant ?

Benveniste, dans ses réflexions sur la blasphémie, utilise souvent le mot « soudain » ou « soudaineté » pour caractériser la brusque émotion qui anime l'homme blasphémant :

Il y a la violence de l'impulsion affective : fureur, colère, impatience, et la soudaineté du paroxysme, qui cherche une issue et ne peut la trouver, à défaut d'une agression physique (laquelle peut cependant se réaliser simultanément) que dans une explosion verbale (f° 272, partie I)

Sans doute, c'est précisément sur la base de cette « soudaineté » que se trouvent étroitement associées, dans la pensée de Benveniste, les deux notions de blasphémie et d'énonciation. En effet, une note préparatoire pour « L'appareil formel de l'énonciation » souligne elle aussi la soudaineté dans l'acte d'énoncer, qui est compris comme une émergence langagière.

En réalité c'est un changement, – non, pas un changement dans la matière même de la langue. Un changement <plus subtil, plus profond> du fait qu'elle est mise en mouvement, que quelqu'un s'en est emparé et qu'elle la meut, la met en action, que cet appareil qui gisait, potentiel, mais inerte, consistant en signes d'un côté (signes lexicaux et autres), en modèles flexionnels et syntaxiques de l'autre <s'anime soudain, devient soudain actuel> prend soudain existence de langue se forme en discours restituant autour de lui un monde vivant. Quelque chose naît au monde alors. Un homme s'exprime (lat. *exprimere* « faire sortir en pressant, faire jaillir à l'extérieur »), il fait jaillir la langue dans l'énonciation (f° 486³⁶).

Loin de nous l'idée d'établir, à partir de la récurrence du mot « soudain », une analogie simpliste entre ces deux notes et d'en tirer des conclusions réductrices. La note du folio 272 retrace une émotion langagière explosant sous une forme particulière, celle de blasphémie, alors que la note du folio 486 aborde le mystère d'existence même qui, « subtil » et « profond », advient au langage à travers l'acte d'énoncer. Néanmoins, force est de constater que dans les deux notes, le passage à la parole est pensé comme un jaillissement brutal. Du dire gicle le langage et cette puissance humaine dépasse l'individu.

La note du folio 486 (préparatoire à l'article « L'appareil formel de l'énonciation »), comme nous avons pu le voir, cite l'étymologie latine du mot *expression* : « faire sortir en pressant, faire jaillir à l'extérieur ». Ici, le lien est à tracer avec une autre expression de Benveniste, « explosion », qui est elle aussi fréquemment employée dans ses notes de travail. En effet, le linguiste pense constamment la blasphémie dans le terme d'« explosion », ou de « paroxysme » verbal. Dans ses notes sur la blasphémie, « expression » et « explosion » sont d'ailleurs utilisées comme synonymes et peuvent même se substituer sans risque de confusion.

Les exclamations, jurons, etc. sont la langue comme « expression », comme jaillissement, comme éruption, sous la poussée de l'impatience, de la fureur, de la surprise décontenancée, <de la déception sauvage,> de la consternation soudain réalisée. Nous avons ici moins une production qu'une explosion. C'est le premier caractère.

Le second est la révélation que cette explosion est nourrie d'un feu très profond, qui brûle aux recès les plus cachés du subconscient (f° 348).

Entre ces lignes qui expliquent le mécanisme du juron et la note du folio 486, correspondant à l'article « L'appareil formel de l'énonciation », insistant sur l'« expressivité » de l'énonciation, il existe une affinité évidente. La note du folio 348 de notre dossier va d'ailleurs jusqu'à utiliser l'image du volcan pour décrire le juron comme une « explosion », soulignant que c'est là son « première caractère ». Or, dans la version publiée de « La blasphémie et l'euphémie », cette caractéristique primordiale n'est plus mise au premier plan :

ne s'y lit ni le mot « explosion » ni d'autres termes semblables. Seules certaines expressions isolées, comme « jaculation » ou « décharge émotive », qui sont certes singulières mais ne s'écartent plus radicalement du jargon érudit, gardent encore quelques traces des premières explorations du linguiste.

Un autre point à relever des notes préparatoires de « La blasphémie et l'euphémie », c'est l'étroite parenté attribuée par l'auteur à la blasphémie et au serment. Benveniste remarque d'abord que la blasphémie et le serment sont tous deux performatifs : le juron, « c'est un comportement, un langage-acte, du même ordre que le serment » (f° 349). Mais ces deux actes performatifs, qui utilisent l'un comme l'autre l'expression « nom de Dieu », semblent à première vue montrer, de la part du locuteur, deux attitudes énonciatives opposées.

Dans une note préparatoire (f° 261), Benveniste s'interroge sur la relation complexe du serment et de la blasphémie en ces mots : « Or le serment est une parole-acte, puisque l'acte <d'engagement> consiste à prononcer la formule. Donc le juron, pris à la lettre, engage aussi mais comment ? » Pour mieux comprendre le cheminement de la réflexion benvenistienne sur ce problème, nous citons ici deux autres notes, qui semblent avoir été écrites dans la même foulée que le folio 261.

Juron (au) nom de...

Il faut étudier de près la notion d'invocation, dont le Dict. gén. dit qu'elle est le fait « d'appeler à l'aide par une prière » : « invoquer le nom de Dieu » en faisant acte de religion ». C'est bien cela : prononcer le mot « Dieu » en tant que « nom », c'est-à-dire comme désignation individuelle d'un être, c'est croire à cet être, c'est faire acte de religion.

Dès lors l'expression « au nom de... » c'est selon le Dict. gén. (s.v.³⁷ nom) « invoquer le nom de qq chose qui peut donner plus de force à une prière, à un vœu ». <ex. Au nom de Dieu, ne vous emportez pas !> ex. Jurer par le nom de Dieu ». Ellip^t.³⁸ Triv³⁹ nom de Dieu ! juron et par euphémisme, nom d'un chien ! nom d'un tonnerre ! etc. Donc tout juron est la dérision d'un acte de croyance consistant en l'invocation du nom divin. En outre (f° 313)

le nom divin étant chargé de force magique, on annule cette force maléfique en la détournant sur un objet tel qu'une partie du corps, le corps étant le contre-esprit, et de préférence sur les parties <organes> corporels chargés des fonctions les plus basses (f° 314).

Il faut noter la commune origine religieuse que Benveniste trouve pour les deux actes de parole, serment et blasphème. Ainsi, contrairement à ce qu'on croit en général, la blasphémie *est* une expression de la croyance ; plus exactement, elle est la « dérision d'un acte de croyance ». Les deux actes doivent être compris comme deux faces d'une seule et même manifestation de croyance, qui est profondément enracinée dans la culture judéo-chrétienne. L'auteur conclut ainsi « La blasphémie et l'euphémie » :

Dans la blasphémie aussi le nom de Dieu doit apparaître, car la blasphémie, comme le serment, prend Dieu à témoin. Le juron est bien un jurement, mais un jurement d'outrage (PLG2, p. 256).

En citant massivement la Bible, certaines notes de Benveniste insistent sur la nécessité pour l'analyste de la blasphémie de pénétrer dans les faits religieux :

Ceux qui comme Freud ont mis en lumière <les ressorts de l'interdit et> le mouvement qui porte à transgresser l'interdit n'ont pas <Les analystes du fait sacré n'ont> guère vu que la blasphémie est précisément la manifestation. L'aspect linguistique de cette transgression de l'interdit où certains analystes voient l'effe la racine du fait religieux (f° 286).

Dans la version finale de « La blasphémie et l'euphémie », l'auteur supprime tous les renvois aux auteurs anciens et modernes apparus dans ses notes préparatoires. Seules les références à la Bible, à Freud et au dictionnaire usuel sont gardées. Un choix si limité vise évidemment à souligner l'apport fondamental de l'étude biblique et des recherches psychanalytiques pour la compréhension de la blasphémie.

*

La note du folio 282 occupe une place particulière dans les notes préparatoires pour « La blasphémie et l'euphémie ». Ses éléments ne sont pas entrés dans la version définitive de l'article. Ils ne se trouvent pas non plus développés dans d'autres notes de Benveniste, si on ne tient pas compte d'un léger écho à peine perceptible dans le folio 313 déjà cité. De manière imagée, le folio 282 parle de la « trace » et de l'« être » du langage:

Le nom de Dieu ne doit pas passer par la bouche, car l'acte de prononcer imprime une trace dans le monde, et le nom c'est l'être. Le nom de Dieu est l'être de Dieu. C'est la lettre de son nom qui fait son existence (f° 282).

98

La phrase « Le nom de Dieu ne doit pas passer par la bouche, car l'acte de prononcer imprime une trace dans le monde » est, ici, centrale. Il y est question bien évidemment de l'énonciation orale. La blasphémie étant comprise comme « de bout en bout un procès de parole » (PLG2, p. 255), Benveniste ne prend pas en compte les formes de blasphémie écrites. Or, certaines expressions employées dans cette phrase, comme « imprimer » ou « trace », nous ramènent malgré tout à l'image d'une écriture. En effet, ces expressions décrivent l'énonciation comme une forme visuelle, soulignant implicitement la dimension corporelle de l'acte de dire⁴⁰ : pour « imprime[r] sa trace dans le monde », l'énonciation doit posséder quelque chose de corporel, une force réelle et bien tangible. « Imprimer », verbe dérivé du latin *imprimere* (*presser fortement sur, appuyer, empreindre, mais aussi faire pénétrer en appuyant, creuser, graver, figurer*), suggère un agent doté de force et de volonté. Tout se passe comme si l'acte d'énoncer, projeté par une lumière et mû par une pression, laissait son ombre, fugitive mais puissante, sur le mur blanc du non-dire. Cette belle « vision » de l'énonciation n'a pas été reprise par la suite par Benveniste. Elle demeure isolée, surprenante et, en un sens, impénétrable. À vrai dire, nous ne savons pas comment interpréter cette « trace » laissée par l'énonciation dans le monde. S'agit-il d'un son, d'un sens, d'une émotion ou encore d'une forme de mémoire ? Ou d'un mélange de tout cela, qui aboutit nécessairement à un « changement » ? La seule chose sûre, c'est que dans la pensée de Benveniste, l'énonciation elle-même, après avoir si fortement laissé sa « trace », s'efface.

« [L]’acte de prononcer imprime une trace dans le monde »... dans cette proposition transparaît aussi l'idée de la force du dire. Une fois prononcée, la parole est faite : on ne peut plus revenir en arrière, une trace est imprimée et restera ineffaçable. Bien évidemment, il est certain que Benveniste, en écrivant ces mots, pense à la blasphémie typique, « Nom de Dieu ! ». Cette expression, dès qu'elle est formulée, devient un acte irrévocable qui ne manque pas de provoquer la colère de Dieu. Néanmoins, l'idée de cette irrévocabilité ne peut-elle pas s'étendre à l'acte d'énoncer en général ? N'y a-t-il pas quelque chose de décisif et de fatal dans chaque parole prononcée, et un procès-verbal dans tout procès de dire ?

« Le nom c'est l'être », poursuit Benveniste. La même idée se retrouve dans diverses cultures orientales et occidentales. Une de ses manifestations est l'interdiction des noms des morts, tabou linguistique observable dans beaucoup de cultures : l'évocation du nom d'un mort y est interdite puisqu'elle risque de faire revenir le mort dans le monde des vivants. Ce tabou, capital pour les cultures primitives, intéressait Benveniste qui, dans ses notes préparatoires, s'est référé aux travaux d'Evans-Pritchard, de Freud et de Wilhelm Havers pour s'en faire une idée. L'expression blasphémique « nom de Dieu » fait elle aussi l'objet d'une interdiction fort ancienne. Les deux interdictions sont d'ailleurs gouvernées par le même principe : celui d'identification de la parole et de l'être.

Dans notre livre sur la notion d'énonciation benvenistienne, il nous était difficile d'associer les deux emplois du mot *énonciation* et de les étudier ensemble. D'un côté, Benveniste utilise l'*énonciation* comme un outil conceptuel général et lui donne une place de plus en plus importante dans sa théorie du discours. De l'autre côté, dans ses recherches de grammaire comparée, le linguiste emploie l'*énonciation* comme un outil descriptif particulier, désignant l'acte de proférer solennellement une parole, sous forme de prière ou d'hymne⁴¹. Maintenant, à l'issue de la lecture des notes préparatoires de « La blasphémie et l'euphémie », un lien semble pouvoir être établi entre les deux emplois du mot *énonciation*, justement grâce à cette fameuse phrase « le nom c'est l'être ». Il est inutile de dire que celle-ci concerne avant tout l'« être-nom » de Dieu : une énonciation en tant qu'acte de croyance comme nous avons pu voir avec le folio 313. Cependant, Benveniste, formulant « [...] l'acte de prononcer imprime une trace dans le monde, et le nom c'est l'être », a-t-il pensé exclusivement au « nom de Dieu » ? Il nous semble peut-être audacieux mais légitime de supposer que cette phrase ait une portée plus large, qu'elle tende à englober tous les types d'énonciation. Dans la pensée du linguiste, l'énonciation, comprise comme un événement, ne consiste-t-elle pas à dire « oui » à un être, en prononçant son nom ? Tout acte de dire a une force magique, garantissant, actualisant l'existence des êtres du monde. Ce n'est certes pas la linguistique benvenistienne qui démentira cette conviction ancienne⁴².

99

Dans le folio 282, la phrase « le nom c'est l'être » est suivie par deux autres phrases : « Le nom de Dieu est l'être de Dieu. C'est la lettre de son nom qui fait son existence. » Ici, explicitement, l'« être » de Dieu s'identifie avec l'« être » verbal, et l'existence divine est assurée par son nom même et par sa profération. La référence aux pensées juives est évidente : il s'agit du nom de Dieu de l'Ancien Testament, YHWH. Bon connaisseur de l'hébreu et des pensées juives⁴³, Benveniste était certainement au courant des gloses que la tradition kabbalistique donne, nombreuses, à ces quatre lettres. Il est hors de notre compétence d'entreprendre ici une discussion théologico-linguistique fondée sur l'histoire des pensées juives autour du « Nom de Dieu ». Nous ne pouvons non plus confronter celles-ci avec la théorie de l'énonciation de Benveniste : la simple lecture de ces notes préparatoires ne nous fournit pas un matériau suffisant. Signalons seulement un fait : à l'endroit où les penseurs juifs traditionnels disaient « le nom c'est l'âme⁴⁴ », Benveniste écrit « le nom c'est l'être ».

Une dernière observation à propos du folio 282 : dans l'écriture de cette note n'apparaît aucun signe de tâtonnement ou d'hésitation. Elle semble avoir été tracée d'un seul jet. L'idée consignée dans cette note devait constituer une évidence pour Benveniste, tant et si bien qu'il n'a pas senti le besoin d'apporter des précisions ou modifications. Sobrement, de manière décidée et confiante, l'auteur y a esquissé sa propre vision de la quintessence du langage.

*

Dans nos recherches précédentes, nous avons examiné non seulement les textes des *PLG*, mais aussi les travaux de Benveniste considérés comme appartenant à la grammaire comparée. Ignorant, jusqu'en 2005⁴⁵, l'existence des manuscrits de Benveniste conservés à la BnF, nous avons pris tout de même l'initiative de confronter la notion du « serment », qui est parue dans le *Vocabulaire des institutions indo-européennes*, avec celle d'énonciation. Nous avons pu constater que toute énonciation est comprise par Benveniste comme acte de dire, soumis à la société et au langage. La lecture des notes préparatoires de « La blasphémie et l'euphémie » semble nous permettre de réaffirmer le même constat devant la blasphémie. La blasphémie est un serment renversé, son énonciation se définit comme un acte de croyance mis en dérision. Explosion d'un sentiment, elle conteste un ordre préétabli. Mais toute énonciation ne contient-elle pas de la poudre noire de même nature qui, au contact d'« un feu profond », c'est-à-dire du désir de transgresser, éclate et détone, échappant soudainement au contrôle de la religion, de la grammaire ou du sujet lui-même ? C'est ce que Benveniste semble suggérer dans ses notes préparatoires pour « La blasphémie et l'euphémie », où l'étude particulière du juron l'amène à des considérations beaucoup plus générales sur l'acte de dire et où il se laisse aller, comme nous l'avons vu, à une explosion expressive qui ne se retrouve pas dans l'article publié.

¹ A referência completa do artigo original é a seguinte: ONO, Aya. “Le nom c’est l’être” Les notes préparatoires d’Émile Benveniste à l’article “La blasphémie et la euphémie”. *Genesis*, 35, *Le geste linguistique*, 2012. Disponível em: <http://genesis.revues.org/1047>. Acesso em 07 de ago. 2015. Optamos por não reproduzir aqui as figuras das páginas manuscritas de Émile Benveniste. Informamos ainda que a autora autorizou a presente publicação para a língua portuguesa no Brasil.

² A autora deve agradecer à Irene Fenoglio pelas informações preciosas sobre o estado de conservação dos manuscritos de Émile Benveniste. Sem essas informações e outras ajudas materiais de Irène Fenoglio, a presente pesquisa não poderia ser concluída. Nossos agradecimentos se dirigem também a Claude Mouchard, professor emérito da Universidade Paris VIII, cuja enorme erudição nos esclareceu sobre mais de um ponto no deciframento dos manuscritos.

³ Lattes Silvana Silva. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4261842302676319>

⁴ Aya Ono é professora associada na Universidade de Keio (Japão), onde ensina língua francesa e linguística francesa. Trabalha no campo da história das ideias linguísticas e sua pesquisa é dedicada, sobretudo, à obra de Émile Benveniste e de Ferdinand de Saussure. É autora de “*La notion d’énonciation chez Benveniste*”, 2007 (sem tradução para a língua portuguesa), obra que empreendeu um estudo terminológico de abrangência cronológica sobre o termo ‘enunciação’ na obra de Benveniste.

⁵ « La blasphémie et l’euphémie », *Problèmes de linguistique générale*, Paris, Gallimard, 1974, t. II (désormais PLG2), p. 254-257

⁶ Na nota da página 254 de PLG II, lemos que o colóquio foi realizado entre “5 e 11 de janeiro de 1966”. Na realidade, ele teve lugar de 5 a 11 de janeiro de 1969.

⁷ A lista de autores compreende eminentes linguistas e literatos, como Jean Starobinski ou Émile Benveniste. Mas a maioria dos participantes do colóquio são filósofos e teólogos, como Ernesto Grassi, Paul Ricoeur ou Emmanuel Levinas.

⁸ Nós lamentaremos a ausência de várias folhas: certas notas de reflexão se interrompem bruscamente e não têm fim.

⁹ Sobre a natureza e o uso das notas de trabalho de Benveniste, ver Irène Fenoglio, « Les notes de travail d’Émile Benveniste : où la pensée théorique naît via son énonciation », *Langage et société*, n° 127, mars 2009, p. 23-49.

¹⁰ Papiers orientalistes, Boîte 52, Enveloppe 213. Esse envelope contém 113 folhas, numeradas, de 249 a 362. Nós utilizamos a numeração da BnF na sequência desse artigo. Sobre o fundo Émile Benveniste na BnF (site Richelieu), assim como sobre outros manuscritos do linguista, ler o artigo de Émilie Brunet publicado na Internet, “Os fundos Émile Benveniste”

(www.item.ens.fr/fichiers/Theorie_linguistique/fondsEB_historique_enligne.pdf).

¹¹ Aya Ono, *La Notion d’énonciation chez Émile Benveniste*, Limoges, Lambert-Lucas, 2007.

¹² A. Ono, *ibid.*, p. 164-165.

¹³ As notas preparatórias mostram que Benveniste, para estudar a blasfêmia e a eufemia, dispunha somente de três obras teóricas: Wilhelm Havers, *Neuere Literatur zum Sprachtabu*, Wien, R. M. Rohrer, 1946 ; Louis Brun-Laloire, « Interdiction, langage et parole », *Revue de philologie française*, t. XLII, 1930 ; Nora Galli de Paratesi, *Semantica dell’eufemismo*, Torino, Giappichelli, 1964. Ele já tinha referido a essa obra em um artigo anterior, « L’euphémisme ancien et moderne » (1949). Em mais de três obras, Benveniste consultou na preparação de « La blasphémie et l’euphémie » certas críticas literárias, como Mikhail Bakhtine (*Rabelais and his world*), Georges Bataille (*L’Érotisme*), ou ainda Antonin Artaud (« Lettre contre la Kabbale », « Le surréalisme et la fin de l’ère chrétienne »).

¹⁴ Duas citações de Artaud seguem: “É a gramática que constituiu a ferida de todas as chamadas grandes ideias da civilização e da cultura onde o homem é tomado em uma camisa-de-força que o impede de avançar” (“Lettre contre la Kabbale”); “Pois as palavras são cacofonias e a gramática as arranja mal, a gramática que tem medo do mal pois ela procura sempre o bem, o bem-estar, quando o mal está na base do ser, peste dolorosa da cacofonia, febre desafortunada da desarmonia, pústula escarrada de uma polifonia onde o ser não está tanto quanto o mal de ser, sífilis de seu infinito” (“O surrealismo e o fim da era cristã”).

¹⁵ F° 486, envelope 198, Papiers orientalistes, boîte 51, BnF. Para a reprodução e a transcrição inteira dessa nota, ver Irène Fenoglio, “Déplier l’écriture pensante pour re-lire l’article publié. Les manuscrits de “L’appareil formel de l’énonciation” d’Émile Benveniste », em E. Brunet et R. Mahrer (dir.), *Relire Benveniste. Réceptions actuelles des Problèmes de linguistique générale*, Louvain-la-Neuve, Academia, coll. « Sciences du langage. Carrefours et points de vue, n° 3 », 2011, p. 301.

¹⁶ Essa sigla significa provavelmente « *sub verbo* ».

¹⁷ Elipticamente.

¹⁸ Trivial, ou Trivialmente.

¹⁹ Nota de tradução: Optamos por traduzir diretamente o texto de Ono e, por isso, não mencionamos a página correspondente do PLG.

²⁰ Essa frase nos conduz a voltar sobre nossos estudos anteriores e nos coloca a dar-lhes mais precisão. Em « L'appareil formel de l'énonciation », Benveniste descreve a enunciação como uma existência evanescente: “A frase é, portanto, cada vez um evento diferente; ela não existe a não ser no instante que ela é proferida e se apaga tão logo; é um evento evanescente” (PLG2, p. 227). Apesar dessa afirmação, nós acreditamos necessário insistir sobre a temporalidade, a materialidade histórica por assim dizer, da enunciação, e essa ideia nos vem a partir de uma reflexão sobre a formação da noção de enunciação em diversos textos de Benveniste. Assim, nós formulamos na conclusão de nosso livro que “mesmo que fugitiva e momentânea, a enunciação é apresentada como um ato humano estruturado. É um ‘evento’, mas também um espaço temporal constituído de várias instâncias (...) A enunciação tem uma realidade temporal, é um ato tomado no tempo e que cria sua própria temporalidade: a enunciação tem uma realidade temporal, é um ato tomado no tempo e que cria sua própria temporalidade: a enunciação é ‘inserida’ no tempo histórico e social, ela é um tempo veiculado cada vez de novo, diferente” (Ono, *La Notion d'énonciation chez Émile Benveniste, op. cit.*, 2007, p. 217). Dessa forma, temos nós tentado insistir sobre a existência da enunciação, a considerando como uma realização no tempo, que possui uma forma de constância material. Todavia, não vamos até o ponto de “ser” da enunciação ou o “corporal” da enunciação. A leitura do folio 282 parece nos autorizar, entretanto, a abordar essa questão sutil do ‘corporal’ da linguagem na linguística benvenistiana.

²¹ Citemos uma outra passagem de Benveniste que explica a noção de sacrifício nas sociedades indo-européias: “A formaverbal avéstica *aogādā* é mais instrutiva do que parece. Se observamos os empregos, ela aparece em circunstâncias solenes, para personagens importantes, para divindades. É uma enunciação que tem a aparência de uma promessa, de um engajamento, tomando sua autoridade daqueles de que emana. (ver capítulo IV)” (*Vocabulaire des institutions européennes*, Paris, Éditions de Minuit, 1969, t. II, p. 226). O uso da palavra *enunciação* nessa passagem não se encontra nos dicionários comuns. Ele parece emprestado do emprego jurídico, raro, da palavra.

²² Em um outro artigo, “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana” (1956), Benveniste, citando o propósito de Freud sobre a negação linguística, afirma: “Não vemos aqui que o fator linguístico é decisivo no processo complexo, e que a negação é de alguma forma constituída do conteúdo negado, portanto da emergência desse conteúdo na consciência e da supressão do recalque? O que subsiste então do recalque não é mais do que uma repugnância a se identificar com esse conteúdo, mas o sujeito não tem mais o poder sobre a existência desse conteúdo. Aqui ainda, seu discurso pode prodigalizar as negações, mas não abolir a propriedade fundamental da linguagem, que é implicar que alguma coisa corresponda ao que é enunciado, alguma coisa e não ‘nada’ (PLG I, p. 84-5). Aqui a essência da linguagem é também compreendida como fazendo emergir “alguma coisa que corresponda ao que é enunciado”.

²³ A influência do pensamento judaico sobre Benveniste continua sendo pouco estudada. Nós sabemos que os parentes do linguista eram os inspetores de escolas judias e que ele frequentava o seminário israelita da Rua Vauquelin em Paris. Assim possuiria ele certamente um sólido conhecimento do Talmud e de correntes maiores do pensamento judaico.

²⁴ A título de exemplo, Rabbi Nahman de Bratslav (1772- 1811).

²⁵ Data a partir da qual a equipe “Genética do texto e teorias linguísticas” do ITEM explorou abertamente os fundos Benveniste da BnF.

* L’auteur tient à remercier Irène Fenoglio pour les précieuses informations sur l’état de conservation des manuscrits d’Émile Benveniste. Sans ces informations et d’autres aides matérielles d’Irène Fenoglio, la présente recherche n’aurait pas abouti. Nos remerciements vont aussi à Claude Mouchard, professeur émérite de l’université Paris VIII, dont l’énorme érudition nous a éclairée sur plus d’un point dans le déchiffrement des manuscrits

²⁶ « La blasphémie et l’euphémie », *Problèmes de linguistique générale*, Paris, Gallimard, 1974, t. II (désormais PLG2), p. 254-257.

²⁷ Dans la note de la page 254 de *PLG2*, on lit que le colloque a été tenu les « 5-11 janvier 1966 ». En réalité, il a eu lieu du 5 au 11 janvier 1969.

²⁸ La liste des auteurs des actes comprend d’éminents linguistes et littéraires, comme Jean Starobinski ou Émile Benveniste. Mais la plupart des participants du colloque sont des philosophes et théologiens, comme Ernesto Grassi, Paul Ricœur ou Emmanuel Levinas.

²⁹ On regrettera, tout de même, l’absence de plusieurs feuillets : certaines notes de réflexion s’interrompent brusquement et n’ont pas de fin.

³⁰ Sur la nature et l’usage des notes de travail de Benveniste, voir Irène Fenoglio, « Les notes de travail d’Émile Benveniste : où la pensée théorique naît *via* son énonciation », *Langage et société*, n° 127, mars 2009, p. 23-49.

³¹ Papiers orientalistes, Boîte 52, Enveloppe 213. Cette enveloppe contient 113 feuillets, tous foliotés, de 249 à 362. Nous utilisons la foliotation de la BnF dans la suite de cet article. Sur le fonds Émile Benveniste à la BnF (site Richelieu), ainsi que sur d'autres manuscrits du linguiste, lire l'article d'Émilie Brunet publié sur Internet, « Le fonds Émile Benveniste » (<www.item.ens.fr/fichiers/Theorie_linguistique/fondsEB_historique_enligne.pdf>).

³² Aya Ono, *La Notion d'énonciation chez Émile Benveniste*, Limoges, Lambert-Lucas, 2007.

³³ A. Ono, *ibid.*, p. 164-165.

³⁴ Les notes préparatoires montrent que Benveniste, pour étudier la blasphémie et l'euphémie, disposait seulement de trois ouvrages théoriques : Wilhelm Havers, *Neuere Literatur zum Sprachtabu*, Wien, R. M. Rohrer, 1946 ; Louis Brun-Laloin, « Interdiction, langage et parole », *Revue de philologie française*, t. XLII, 1930 ; Nora Galli de Paratesi, *Semantica dell'eufemismo*, Torino, Giappichelli, 1964. Il s'était déjà référé au premier ouvrage dans un article antérieur, « L'euphémisme ancien et moderne » (1949). En plus de ces trois ouvrages, Benveniste a consulté dans la préparation de « La blasphémie et l'euphémie » certains critiques littéraires, comme Mikhaïl Bakhtine (*Rabelais and his world*), Georges Bataille (*L'Érotisme*), ou encore Antonin Artaud (« Lettre contre la Kabbale », « Le surréalisme et la fin de l'ère chrétienne »).

³⁵ Deux citations d'Artaud suivent : « C'est la grammaire qui a fait la plaie de toutes les soi-disant grandes idées de la civilisation et de la culture où l'homme se tient comme dans un carcan qui l'empêche d'avancer » (« Lettre contre la Kabbale ») ; « Car les mots sont cacophonie et la grammaire les arrange mal, la grammaire qui a peur du mal parce qu'elle cherche toujours le bien, le bien être, quand le mal est la base de l'être, peste douleur de la cacophonie, fièvre malheur de la disharmonie, pustule escharre d'une polyphonie où l'être n'est bien que dans le mal de l'être, syphilis de son infini » (« Le surréalisme et la fin de l'ère chrétienne »).

³⁶ F° 486, enveloppe 198, Papiers orientalistes, boîte 51, BnF. Pour la reproduction et la transcription entière de cette note, voir Irène Fenoglio, « Déplier l'écriture pensante pour re-lire l'article publié. Les manuscrits de "L'appareil formel de l'énonciation" d'Émile Benveniste », dans E. Brunet et R. Mahrer (dir.), *Relire Benveniste. Réceptions actuelles des Problèmes de linguistique générale*, Louvain-la-Neuve, Academia, coll. « Sciences du langage. Carrefours et points de vue, n° 3 », 2011, p. 301.

³⁷ Ce sigle signifie probablement « *sub verbo* ».

³⁸ Elliptiquement.

³⁹ Trivial, ou Trivialement.

⁴⁰ Cette phrase nous conduit à revenir sur nos études antérieures et nous pousse à les rendre plus précises. Dans « L'appareil formel de l'énonciation », Benveniste décrit l'énonciation comme une existence évanescence : « La phrase est donc chaque fois un événement différent ; elle n'existe que dans l'instant où elle est proférée et s'efface aussitôt ; c'est un événement évanouissant » (PLG2, p. 227). Malgré cette affirmation, nous avons cru nécessaire d'insister sur la temporalité, la matérialisation historique pour ainsi dire, de l'énonciation, et cette idée nous est venue à l'issue d'une réflexion sur la formation de la notion d'énonciation dans divers textes de Benveniste. Ainsi, nous avons formulé dans la conclusion de notre livre que « [b]ien que fugitive et momentanée, l'énonciation est présentée comme un acte humain structuré. C'est un "événement", mais aussi un espace temporel constitué de plusieurs instances. [...] L'énonciation a une réalité temporelle, c'est un acte pris dans le temps et qui crée sa propre temporalité : l'énonciation est "insérée" dans le temps historique et social, elle est un temps vécu chaque fois nouveau, différent » (Ono, *La Notion d'énonciation chez Émile Benveniste, op. cit.*, 2007, p. 217). De cette manière avons-nous tenté d'insister sur l'existence de l'énonciation, la considérant comme une réalisation dans le temps, qui possède une forme de constance matérielle. Toutefois, nous ne sommes pas allés jusqu'à parler de l'« être » de l'énonciation ou du « corporel » de l'énonciation. La lecture du folio 282 semble nous autoriser désormais à aborder cette question subtile du « corporel » du langage dans la linguistique benvenistienne.

⁴¹ Citons un autre passage de Benveniste qui explique la notion de sacrifice dans les sociétés indo-européennes : « La forme verbale avestique a *aogadā* est plus instructive qu'il ne semble. Si on observe les emplois, elle apparaît dans des circonstances solennelles, pour des personnages importants, pour des divinités. C'est une énonciation qui a l'allure d'une promesse, d'un engagement, tenant son autorité de ceux dont elle émane (voir chap. IV) » (*Vocabulaire des institutions européennes*, Paris, Éditions de Minuit, 1969, t. II, p. 226). L'usage du mot *énonciation* dans ce passage ne se retrouve pas dans les dictionnaires ordinaires. Il semble emprunté à l'emploi juridique, rare, du mot.

⁴² Dans un autre article, « Remarques sur la fonction du langage dans la découverte freudienne » (1956), Benveniste, citant les propos de Freud sur la négation linguistique, affirme : « Ne voit-on pas ici que le facteur linguistique est décisif dans ce procès complexe, et que la négation est en quelque sorte constitutive du contenu nié, donc de l'émergence de ce contenu dans la conscience et de la suppression du refoulement ? Ce qui subsiste alors du refoulement n'est plus qu'une répugnance à s'identifier avec ce contenu, mais le sujet n'a plus de pouvoir sur l'existence de ce contenu. Ici encore, son discours peut prodiguer les dénégations, mais non abolir la

propriété fondamentale du langage, qui est d'impliquer que quelque chose correspond à ce qui est énoncé, quelque chose et non pas "rien" » (PLG1, p. 84-85). Ici, l'essence du langage est aussi comprise comme faisant émerger « quelque chose qui correspond à ce qui est énoncé ».

⁴³ L'influence de la pensée judaïque sur Benveniste reste peu étudiée. Nous savons que les parents du linguiste étaient tous deux inspecteurs des écoles juives et que celui-ci fréquentait le séminaire israélite de la rue Vauquelin à Paris. Ainsi possédait-il certainement une solide connaissance du Talmud et des courants majeurs de la pensée judaïque.

⁴⁴ À titre d'exemple, Rabbi Nahman de Bratslav (1772-1811).

⁴⁵ Date à partir de laquelle l'équipe « Génétique du texte et théories linguistiques » de l'ITEM a exploité ouvertement le fonds Benveniste de la BnF.

RECEBIDO EM: 10 de junho de 2015

ACEITO EM: 10 de agosto de 2015